



**Conteúdos referentes ao período de Março/2026.**

Componente Curricular de HISTÓRIA TURMA 72

Professor(a): MARLI DE ALMEIDA

**Observação:** O planejamento da aula poderá sofrer alterações conforme a necessidade do professor(a).

**Orientações para a realização da avaliação:**

\*Leitura do conteúdo.

\*Visualização e análise de imagens e vídeos.

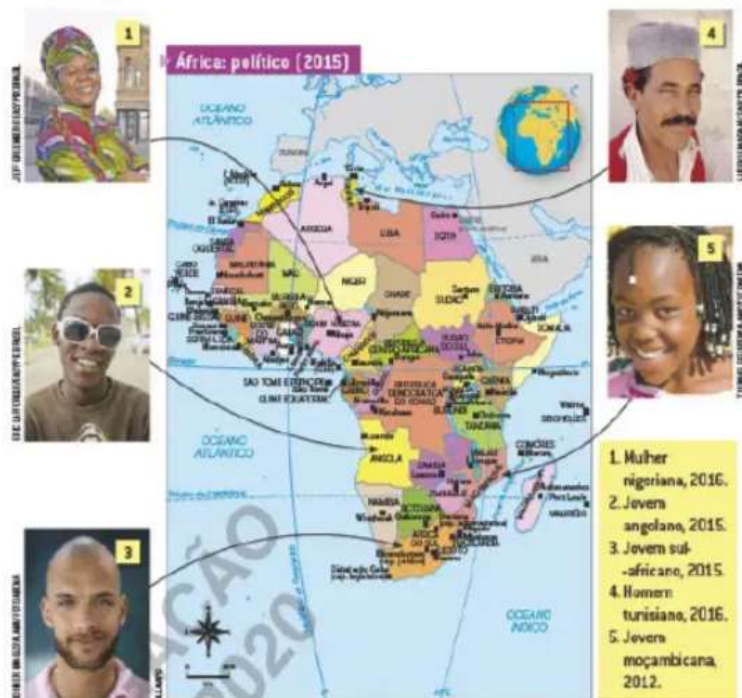
\*Organização e aquisição de materiais que possam ser utilizados durante a aula.

**POVOS E CULTURAS  
AFRICANAS: MALINESES,  
BANTOS E IORUBÁS**

A África é um continente com mais de 30 milhões de quilômetros quadrados, dezenas de países e centenas de povos com culturas e línguas singulares. Por ser o berço da humanidade e o lugar de origem dos ancestrais de milhões de brasileiros, a África e sua história têm grande importância para nós.

**O Império do Mali**

Foi justamente no Sudão ocidental, entre os rios Senegal e Níger, nas terras habitadas pelos mandingas, que se formou o **Império do Mali**, um dos maiores e mais duradouros da história da África. Boa parte do que sabemos sobre o Império Mandinga (ou do Mali) chegou até nós através dos grãos.



Fonte: ATLAS geográfico escolar, 7. ed.; Rio de Janeiro: IBGE, 2016, p. 45.

**PARA SABER MAIS**

**Os griôs**

Os griôs eram indivíduos encarregados de preservar e transmitir as histórias, conhecimentos e canções de seu povo.

No passado, os griôs eram procurados por muitos reis africanos para trabalharem como professores particulares de seus filhos. Eles ensinavam

arte, conhecimento sobre as plantas, tradições, história e davam conselhos aos jovens príncipes.

Além dos griôs contadores de histórias, havia também os griôs músicos e os cantores, que interpretavam e conservavam canções tradicionais; e havia, ainda, mulheres griôs, que faziam o mesmo que os griôs homens.



Ilustração representando um griô contador de histórias.



Baaba Maal, griô músico senegalês em apresentação na Grã-Bretanha, 2011.

**A força e o declínio do Império do Mali**

O Império do Mali controlou uma área imensa, chegou a ter cerca de 45 milhões de habitantes e durou 230 anos. Segundo o historiador José Rivair de Macedo, a longa duração e o poder do Império do Mali podem ser explicados pelos seguintes motivos:

- a) possuía um poderoso exército composto de arqueiros, lanceiros e cavaleiros com capacidade de reprimir rebeldes em caso de revolta;
- b) controlava as áreas de extração do ouro;
- c) tinha uma estrutura administrativa eficiente, com representantes nas áreas sob seu domínio;



d) adotava uma política de consulta aos povos dominados e respeitava suas tradições e religiões.

O Mali, maior império africano daqueles tempos, conservou sua liderança na região até a metade do século XV, quando entrou em declínio devido a conflitos entre seus líderes e ao surgimento de novos centros de poder, a exemplo do Reino de Songai. Durante sua expansão, esse reino conquistou a cidade de Tombuctu, em 1470, tornando-se, assim, a principal força política da região.

Fotografia atual de escultura em madeira na região do Mopti, Mali. As figuras malinesas têm traços característicos, o que as torna facilmente reconhecíveis.

**Os bantos**

Na África, ao sul do deserto do Saara, viviam e vivem ainda hoje os bantos, povos que possuíam uma origem comum e falavam línguas aparentadas denominadas de bantas. Por volta de 1500 a.C., os povos bantos partiram de onde é hoje a República de Camarões e foram se deslocando para o centro, o leste e o sul do continente africano; esse deslocamento durou cerca de 2500 anos e foi a maior migração já vista na história da África subsaariana.

Durante seu deslocamento, os bantos domesticaram plantas e animais e conquistaram povos que viviam da caça e da pesca. Os bantos eram povos agricultores e tinham domínio da técnica de produção do ferro, usado por eles para fazer instrumentos de trabalho e armas de guerra; isso os colocava em vantagem sobre os povos que desconheciam a técnica da metalurgia e ajuda a explicar sua vitória sobre esses povos. Assim, as regiões ocupadas pelos bantos tornaram-se terras de agricultores que dominavam a metalurgia.

**Reino do Congo** A bacia do rio Zaire, chamado de Congo pelos portugueses, era habitada desde longo tempo por grupos bantos, como o bacongo, o luba, o lunda e o quicongo. Segundo uma tradição, no final do século XIII, os bacongos dominaram grupos menores falantes das línguas umbundo e quicongo. Sob a liderança de um líder lendário de nome Nimi-a-Lukeni, eles expandiram seus domínios por meio de guerras, alianças e da cobrança de tributos.

Nimi-a-Lukeni recebeu o título de manicongo (senhor do Congo) e passou a ser considerado o herói fundador do Reino do Congo. Depois, edificou seu palácio em Mbanza Congo e, a partir desse centro de poder, o Reino do Congo passou a controlar um amplo território. Na capital, o manicongo exercia sua autoridade com o auxílio de 12 conselheiros, entre os quais estavam os secretários reais, os oficiais militares, os homens da lei e os coletores de impostos, entre outros. Desses 12 conselheiros, quatro eram mulheres e representavam o clã das avós do rei. Os congos conheciam técnicas apuradas de fusão do ferro. Segundo a tradição, o fundador do Reino do Congo era um rei ferreiro, por isso os trabalhos em ferro eram reservados aos nobres.



Máscara tradicional em ferro. Sua confecção é atual. Cultura conga, Zaire.

#### Palavras bantas

<b>Berimbau</b> – Arco musical, instrumento indispensável na capoeira.	<b>Fubá</b> – Farinha de milho ou arroz.
<b>Caçula</b> – O mais novo dos filhos ou dos irmãos.	<b>Jiló</b> – Fruto do jiloeiro, de sabor amargo.
<b>Canjica</b> – Papa de milho-verde ralado a que se juntam leite de coco, açúcar, cravo e canela.	<b>Moleque</b> – Menino, garoto, rapaz.
<b>Carimbo</b> – Selo, sinete, sinal público com que se autenticam documentos.	<b>Quiabo</b> – Fruto do quiabeiro, muito usado na cozinha cerimonial afro-brasileira e baiana.
<b>Cochilo</b> – Ato de cochilar.	<b>Quitute</b> – Petisco, iguaria de apurado sabor.
<b>Dendê</b> – Palmeira ou fruto da palmeira. Óleo vermelho obtido da palmeira dendê, de grande uso na culinária religiosa afro-brasileira e baiana; óleo de palma no português de Portugal.	<b>Samba</b> – Dança e música popular brasileira de compasso binário e acompanhamento sincopado; a música que acompanha essa dança.

Fonte: CASTRO, Yedda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

## Bantos no Brasil

A maioria dos milhões de africanos entrados no Brasil entre os séculos XVI e XIX era falante de línguas bantas, como o quimbundo, o quicongo e o umbundo. Isso ajuda a explicar por que essas línguas estão entre as que mais influenciaram o português falado no Brasil.

## Os iorubás

Nas terras da África ocidental viveram povos igualmente importantes na formação cultural do Brasil; entre esses povos merecem especial atenção os iorubás.

### Iorubás no Brasil

Segundo o estudioso Pierre Verger, foi principalmente após 1830, quando os muçulmanos destruíram a cidade de Oiô, capital política dos iorubás, que eles foram trazidos para o Brasil como escravos, tendo entrado, em grande número, pelo porto de Salvador. Entre os iorubás aqui chegados havia muitos sacerdotes, príncipes, líderes políticos e artistas, que foram empregados, sobretudo, em trabalhos urbanos e domésticos, na cidade de Salvador e no Recôncavo Baiano. Embora trazidos à força e em condições adversas, os iorubás fizeram história

#### PARA SABER MAIS

##### Jongo: herança cultural dos povos bantos



Apresentação do grupo Jongo de Figueira (SP), 2007.

Entre as manifestações culturais de raiz banta no Brasil está o jongo, canto e dança coletivos que contam com percussão de tambores e floresceu durante a expansão da cafeicultura no Vale do Paraíba fluminense e paulista. Em 2005, o jongo foi registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. O jongo é praticado em todos os estados brasileiros da região Sudeste e é chamado também de cazambu.

A arte de matriz iorubá pode ser vista em várias regiões do Brasil, mas é a Bahia seu principal polo de irradiação; lá nasceram ou vivem alguns dos grandes nomes da música e das artes plásticas de matriz iorubá.

Na música temos vários artistas herdeiros da tradição iorubá, como os integrantes dos blocos Olodum e Ilê Aiyê e a cantora Margareth Menezes.

Margareth Menezes (1962) é uma cantora, compositora e produtora musical. Autora de momentos marcantes para a música popular brasileira, Margareth, nos seus mais de 20 anos de carreira, tornou-se popular pela potente voz. Viajou a todos os continentes, contabilizando várias turnês mundiais e álbuns lançados. Os álbuns Elegibô e Kindala alcançaram, respectivamente, a 1ª e 2ª posições da Billboard World Álbuns. Na fotografia, vê-se Margareth se apresentando na Costa do Sauípe (BA), em 2013.



Nas artes plásticas temos nomes importantes, como os escultores Emanuel Araújo e Mestre Didi e os pintores Carybé e Menelaw Sete (conhecido como Picasso do Brasil). Emanuel Araújo (1940) é escultor, desenhista, ilustrador, figurinista, gravador, cenógrafo, pintor e museólogo. Foi professor de artes gráficas e escultura na The City University of New York, diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo e fundador do Museu Afro Brasil, em São Paulo, do qual também é diretor-curador.

criado em sua homenagem, do qual também é diretor-curador.



O artista plástico Emanuel Araújo na abertura da exposição "Barroco ardente e sincrético – Luso-afro-brasileiro", no Museu Afro Brasil, em 2017.

Mestre Didi (1917-2013) foi escultor e escritor baiano, expoente da arte de matriz iorubá no Brasil.



Mestre Didi, 2009.

